

OS (DES)CAMINHOS DA POESIA: OS SENTIDOS DO DESLOCAMENTO EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Dr. Marcelo Franz¹

RESUMO: Este estudo analisa significados das metáforas do caminho e do caminhar na poesia de Carlos Drummond de Andrade. A obra deste autor retrata e reflete a sua época de forma complexa, evidenciando a instabilidade psicológica, social e cultural do homem do século XX. Igualmente, ela nos apresenta um modo de se entender a situação do artista nesse tempo. Nota-se em sua escrita, pelo uso de variados recursos linguísticos, a constante transformação do sujeito lírico em seu embate com a realidade externa (chamada genericamente de “mundo” em sua poesia). A recorrência da temática polissêmica do deslocamento é um importante recurso utilizado por sua criação artística para representar a condição humana e a luta do sujeito moderno para compreender o mundo e comunicar-se com ele. Isso nos leva a uma reflexão sobre os espaços culturais, históricos e vivenciais pelos quais o eu lírico transita, seja para deles fugir, seja para confrontá-los, seja, ainda, para neles se encontrar.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas; Caminhos; Drummond.

ABSTRACT: This study analyzes the meanings of the metaphors of way and walk in the Carlos de Drummond de Andrade's poetry. The work of this author portrays and reflects his time in a complex way, showing the psychological, social and cultural instability of the twentieth century man. Also, it gives us a way to understand the situation of the artist at that time. There are in his poems, with the use of different language resources, the constant transformation of the lyrical subject in the face

¹ Professor de Literaturas de Língua Portuguesa e Teoria da Literatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Campus Curitiba. Contato: mfranz4390@gmail.com

of external reality (named generically as "world" in his poetry). The use of polysemous thematic of displacement is an important method used by his artistic creation to represent the human condition and the struggle of modern man to understand the world and communicate with him. This leads us to a reflection on the cultural, historical and experiential spaces for which the lyrical subject walks to run away from them, to confront them or to find yourself in them.

KEY WORDS: metaphors; paths; Drummond.

O "EU TODO RETORCIDO" E SEUS CAMINHOS

O largo período do contexto de produção da poesia de Carlos Drummond de Andrade é contemporâneo de conflitos e embates que convulsionaram a realidade social e cultural do século XX, tanto no plano nacional como no internacional. Durante os anos de sua formação pessoal e intelectual, assistiu-se, no exterior, a duas guerras mundiais, ao surgimento do nazi-fascismo, à implantação, consolidação e crise do socialismo na União Soviética. No plano interno, viu-se, depois da revolução de 1930 (que tirou do poder a antiga elite política dos primeiros anos da república), a ascensão do governo autoritário de Vargas. Os anos de sua maturação pessoal seriam os da guerra fria no mundo, coincidente com a ditadura militar no Brasil. Por certo, todos esses fatos desencadearam debates políticos e estéticos, que muito influenciaram a poesia de Drummond, sobretudo o que ele criou entre as décadas de 1930 e 1950. O que se vê depois disso, nas três décadas que o poeta ainda viveria, é, em certo sentido, o debate memorialístico e filosófico do rescaldo das experiências pessoais e sociais datadas dos anos de formação, com suas paixões, desenganos, frustrações, além da crescente percepção do seu protagonismo no quadro da poesia moderna no Brasil, a ponto de passar a ser visto – apesar de sua recusa ao rótulo – como nosso "poeta maior".

Em Drummond, a trajetória pessoal do poeta se vê entrelaçada à trajetória poética da. Com isso queremos apontar para o fato de que a figura pública do escritor (que talvez seja uma persona "fingida" pelo sujeito pessoal Carlos Drummond de Andrade) vai demonstrando, na evolução de seus escritos – seja no plano formal, seja nos temas abordados – um amadurecimento que reflete aquele pelo qual passa a pessoa do poeta. Ao longo desse processo, o poeta se vê em constante transformação diante do mundo e de sua poesia.

Nos livros publicados nos anos 1930 (*Alguma poesia* e *Brejo das almas*), ainda sob o forte impacto das lições do primeiro Modernismo, a marca mais saliente dos momentos iniciais de sua arte é o conflito. No ensaio "Inquietudes na poesia de Drummond", de *Vários escritos* (1995), Antonio Candido, define a inquietude como uma existência material concreta sobre o qual o poeta trabalha e que tem por base o conflito entre o "voltar-se ao eu e o abrir-se ao mundo". O emblema

característico desse conflito é a célebre figura do “gauche”, que, em sua polissemia se refere ao mesmo tempo à condição pessoal do sujeito desajustado, ao ser do homem moderno em sua travessia por um mundo povoado de muitas contradições (muitas “faces”) e, ainda, à condição do poeta moderno, buscando exprimir-se num tempo de difícil tradução. Mas a constatação do impasse diante do mundo (com o qual o eu lírico não “rima”) o leva, nessa fase, a ver a realidade à distância, perplexo e inativo, sem que possa aderir plenamente à vida social.

A poesia de Drummond, no início de seu percurso, é marcada pela desconfiança diante da mecânica das relações sociais e humanas, o que parece induzir o sujeito lírico a um mergulho introspectivo por vezes desnorteante, frequentemente carregado de descontentamento. A sensação de estranheza vem de certa incapacidade de harmonizar-se com o mundo. A consequência, aponta Candido, é o “eu todo retorcido”, em que a torção é “um núcleo emocional a cuja volta se organiza a experiência poética” (CANDIDO, 1995, p. 115). A isso se alia o que o estudioso nomeia como “meditação constante e por vezes não menos angustiada sobre a poesia” (CANDIDO, 1995, p. 134). Em suma, o retorcimento do eu está ao par do retorcimento de sua expressão poética, feita num registro de linguagem que, seja na densidade da reflexão metafísica, seja na saída pelo humor refinado e contundente, incorpora de modo complexo as coordenadas estéticas do Modernismo para melhor revelar os problemas fundamentalmente modernos vivenciados pelo eu lírico. A esse respeito Candido observa:

Talvez seja mais importante a transformação das inquietudes, gerando certa serenidade expressa não apenas pelo significado da mensagem, mas pela regularidade crescente da forma, a que o poeta parece tender como fator de equilíbrio na visão do mundo. Entretanto, essa serenidade é também fruto de uma aceitação do nada, da morte progressiva na existência de cada dia; da dissolução do objeto no ato poético até a negação da própria poesia (CANDIDO, 1995, p. 143).

Não haveria como se pensar nas vastas dimensões dessa introspecção sem atentar para a construção simbólica desse “sintoma”. Chama-nos a atenção a recorrência, já a partir desse tempo (mas que se amplia em sentidos para além dele), da temática do deslocamento pessoal, sinalizando para a experiência “processual” (por não ser estática) dessa crise que gera o seu “ensimesmamento”. Do ponto de vista biográfico, sabe-se que, em seu crescimento, o poeta passou por vários caminhos, começando por Itabira, indo depois para Belo Horizonte, até se fixar no Rio de Janeiro. Mais do que lugares de moradas, esses espaços (constantemente tematizados em seus poemas) são indicações de um percurso existencial e poético ao qual o sujeito lírico se volta para se reconhecer (“retorcendo-se”) como um caminhante sem pouso.

Figura de relevo da primeira geração modernista, Drummond se ligou ao movimento um tanto por afinidades eletivas (primeiro com seus conterrâneos, no contexto da Belo Horizonte dos anos 1920, depois com os amigos de São Paulo, principalmente Mário de Andrade), outro tanto por seu espírito investigativo diante do viver e do criar modernos. Em qualquer das faces da sua assunção da modernidade, pode-se dizer que o caminhar, com suas contradições, é também uma metáfora extensiva à representação condição do homem moderno. Desse modo, investigar a polissemia dos caminhos e do caminhar é um interessante modo de se verificar, por meio disso, a concepção de modernidade abraçada pelo poeta.

CAMINHAR É PRECISO

Os caminhos de Drummond começam em Itabira, núcleo irradiador de sua compreensão do mundo. Mas as contradições entre o que projetam em seu imaginário os espaços do rural e do urbano se espalham desde cedo na criação do poeta, como observa Cristian Pagoto:

De um lado, o desejo de revolução política e social, capaz de instaurar uma nova ordem, de outro, o gosto e a manutenção dos valores tradicionais, representados pelo clã dos Andrades. Seus livros podem ser vistos como um conjunto organizado paralela e contraditoriamente. Revelam a decadência da oligarquia rural mineira em luta com a urbanização e a industrialização e a esperança instaurada pelo tenentismo de 30. (PAGOTO, 2008, p. 90).

A experiência dessa contradição evidencia um eu lírico cuja evolução, seguindo a trajetória da vida de Drummond, vai da província para o mundo (a cidade) para retornar, eventualmente (e sempre num complexo processo memorialístico) às origens provincianas a fim de se reconhecer (ou desconhecer). De todo modo, a poética drummondiana é decidida pelo seu contato com a cidade, feito de um inevitável caminhar até ela e por ela.

É importante analisar a persistência e o peso semântico do tema do caminhar na poesia moderna, principalmente o caminhar pelas cidades. A modernização dos centros urbanos afeta a escrita da poesia – dando-lhe temas e repertório linguístico – bem como a construção do sujeito lírico (possível espelhamento no ser do homem moderno) nas obras de diferentes autores. Diego Petrarca observa:

A modernidade é um fenômeno essencialmente urbano que passou a produzir uma arte das cidades, que traz em si complexidade e tensão, elementos que são a própria essência da arte modernista. O poeta, a partir do século XIX, vê-se atraído pela cidade, e essa cidade surge como uma metáfora de uma nova ordem social e tecnológica (PETRARCA, 2008, p.10).

Walter Benjamin, ao investigar a poética de Charles Baudelaire em face da modernidade, observa como figura emblemática desse contexto na obra do poeta francês o *flâneur*, andarilho e observador da cidade, que encarna o espírito contraditório, de excitação e angústia, do que lhe

sugere o espaço percorrido. A Paris mega urbanizada que o *flâneur* percorre é uma ebulição de criatividade (visível na construção de bulevares luxuosos) e impedimentos (com a destruição de centenas de edifícios para a construção de avenidas). Essas transformações urbanas que ocorrem no século XIX refletem uma oposição entre acessibilidade – já que há uma obsessão pela abertura de vias de locomoção, apontando para o primado do “movimento” como vocação da cidade – e exclusão, já que a urbe moderna não permite de modo igual a fixação, nos seus limites, da totalidade de seus habitantes (BENJAMIN, 1985, p. 43). A seletividade social surge do vínculo entre a emergência da cidade moderna e a maturação do sistema capitalista baseado na desigualdade.

Em Drummond, a representação poética do perambular pela cidade-mundo é correlata a essa visão dos espaços urbanos. Desse modo, o seu trajeto ecoa um passeio tenso pela modernidade – sem desconsiderar as marcas permanentes de sua vivência no mundo arcaico que o gerou – buscando construir sentidos. Em sua poesia da década de 1930 desponta com força a dicção de um eu lírico que sente a necessidade de procurar caminhos em meio ao caos em que se sente imerso. Para Candido, “o constrangimento (que poderia tê-lo encurralado no silêncio) só é vencido pela necessidade de tentar a expressão liberadora, através da matéria indesejada” (CANDIDO, 1995, p. 69). Seu sentimentalismo ambíguo (ora irônico, ora patético) é desnorteante.

São empregadas, para a expressão desse embate, algumas metáforas que espelhem essa condição. A do movimento (seja a pé, seja em algum veículo, como o bonde, por exemplo), junto com a de espaços de movimentação (ruas, caminhos, estradas) responde à intenção de traduzir uma reação qualquer – fuga, revolta, empenho na busca de uma solução – diante da opressão interior do eu lírico, que observa a desconjunção do mundo a que pertence.

O eu poético drummondiano é abordado por um anjo torto, em “Poema de Sete Faces” (o que abre *Alguma Poesia*), com uma incitação ao movimento: “Vai, Carlos, ser gauche na vida”. O peso dessa “ordem” é sentido pelo sujeito, que, mesmo pressupondo o desajuste apontado por Antonio Candido – se põe a caminho, observando (e absorvendo) em seu perambular imagens típicas do mundo moderno:

(...) O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada (...) (ANDRADE, 2015, p.10).

O “Poema de sete faces” tem, por certo, uma galeria de “poemas irmãos”, todos tocados pela mesma junção desordenada de um desconforto diante do mundo excitante observado e a

introspecção que, sem alcançar isso plenamente, põe o sujeito observador diante da ponderação sobre os significados do mundo visto, usando para isso de uma linguagem que traduza isso em um dizer poético de muitas faces.

Trata-se de um poema caleidoscópico e propositalmente irregular, afinado com os primados da revolução cultural apresentada pela Semana da Arte Moderna de 1922, ocorrida poucos anos antes da publicação do livro. Essa fragmentação repercute o estado de espírito do eu lírico, o qual se assume como imagem análoga e refletida do sujeito moderno e também do poeta moderno, vivenciando a crise de linguagem típica da expressão artística desse tempo.

Seu caminhar hesitante pela cidade, com tudo o que ela representa como metáfora, mistura pânico e maravilha, o que o leva a hesitar entre as coordenadas do “coração” e dos “olhos”. A cidade de sete (mil) faces é ao mesmo tempo destino e desengano. Muito excita e pouco oferece ao andarilho. Metonímia do mundo (que é vasto) a cidade não permite que o eu poético “rime” com ela. É difícil delimitar a raiz do problema, se seriam os caminhos (bifurcados, labirínticos, povoados de informações, desejos e frustrações na variedade de paisagens que se deixam ver) ou se seria o caminhar, entendido como a forma de o sujeito palmilhar esses espaços (trôpego, claudicante, meio desorientado por natureza). O que resta dessa andança, que passa em revista as paisagens de um mundo grande e misterioso (do qual o apelo da fuga é tão gritante quanto infrutífero), é a comoção final (“eu não devia te dizer/ mas essa noite, mas esse conhaque/ põem a gente comovido como o diabo” (ANDRADE, 2015, p. 10)), sinal de um mergulho no mundo do eu, abalado pela incompatibilidade com o mundo pelo qual caminha.

Essa incompatibilidade é ecoada em outro poema da primeira fase de sua produção, o “Soneto da perda esperança”, de *Brejo das almas*, seu segundo livro, de 1934. A dramaticidade da cena desenhada se potencializa pelo que se descreve da relação do eu lírico com os espaços por onde caminha:

Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta
em que os caminhos se fundem.
Todos eles conduzem ao
princípio do drama e da flora (...) (ANDRADE, 2015, p. 43).

Dessa fase inicial da poesia drummondiana, um poema de análise obrigatória quando abordamos o tema desse artigo é, obviamente, “No meio do caminho”, também publicado em *Alguma poesia*:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra (ANDRADE, 2015, p.20)

Na voga da polêmica suscitada pelo texto, Drummond inova nos temas e nos recursos poéticos de sua época. O poema, que foi escrito por volta de 1925, e publicado pela primeira vez em 1928, na *Revista de antropofagia*, foi criticado por sua aparente ingenuidade, pelos seus segmentos repetitivos e pelas suas redundâncias. Francisco Achcar observa que, por causa de “No meio do caminho”, “Drummond passou a ser admirado ou ridicularizado - e até mesmo agredido - por causa de seu poema repetitivo, ficando a imagem da pedra para sempre associada à sua poesia” (ACHCAR, 2000, p.17). A análise precisa dos sentidos desse breve texto – que já foi visto tanto como mera “piada” ao supostamente parodiar Dante Alighieri e Olavo Bilac, quanto como reflexão filosófica das mais herméticas – é ainda uma questão em aberto. De todo modo, no contexto pessoal (da biografia de Carlos Drummond de Andrade) o poema é a senha para a constituição de um perfil de poeta precocemente amadurecido. A chave da leitura do poema parece estar na consideração a três elementos indissociáveis na narrativa que se constrói pelo texto: o eu caminhante, o caminho e a pedra. Aliadas a essas três grandes metáforas, o texto enuncia outras três, derivadas do “advento” da pedra no caminho de quem anda: as ações de parar, olhar (no sentido de contemplar, considerar) e significar o acontecimento. A interrupção no transcurso do caminhante sugere a importância do “evento” pedra, um possível desafio ao fluxo da caminhada. Lida em aliança com os outros poemas desse tempo em que se desenha o “eu todo retorcido” enunciado na análise de Antonio Candido, essa interrupção faz pensar na instabilidade do eu em seu transcurso no mundo, instabilidade provocada pela vivência irrefutável da condição de “gauche”, aquele que é condenado a ir (“vai, carlos”) sem garantias de que vá chegar, seja porque os embates do caminho o levarão a ter de parar, seja porque o seu caminhar – ou a sua forma de caminhar – não lhe permite atingir um destino de modo direto e linear.

Mas as três ações do sujeito lírico diante da pedra (parar, olhar e significar) são entendidas como o que lhe cabe fazer. Talvez o caminhar se justifique exatamente pela existência da pedra e a ilusão de um caminhar fluente com destino certo não condiga com o “devir” (o caminhar) do homem moderno com seus caminhos lineares todos desfeitos pela história, pelas incongruências do projeto de humanização num mundo que aparentemente rejeita essa utopia.

Chama-nos a atenção a sintonia de sentido entre “No meio do caminho” e “A máquina do mundo”, poema de maturidade (entendido por alguns críticos como o melhor poema brasileiro do século XX²), publicado em *Claro enigma* (1951). Esse longo texto é em tudo contrastante com o ousado e polêmico “poema da pedra”, datado da juventude de Drummond. Há nele um rigor formal que o afasta do legado do primeiro Modernismo, junto com uma refinada remissão tanto à *Divina comédia* de Dante como a *Os Lusíadas* de Camões. Mas a igualdade entre os textos se estabelece, tematicamente, na ocorrência do tropo de um caminhante palmilhando uma estrada e se deparando com uma aparição inesperada que interrompe seu fluxo. Assim como em “No meio do caminho”, há em “A máquina do mundo” a necessidade de se parar, contemplar e significar o objeto da interrupção. Contudo, essas ações são, no segundo texto mais detalhadas, assim como a força do evento, que não é uma pedra, mas um mecanismo complexo por meio do qual se mostram ao entendimento do eu lírico as respostas para todos os seus desenganos. O fato é que a oferta de uma solução definitiva, que supostamente “limparia” o caminho do andarilho pelo mundo, livrando-o das pedras que viria a encontrar, é algo vivenciado como sedução e canto de sereia para ser, ao fim, rejeitado, uma vez que essa solução e, afinal, um caminho sem pedras, é algo que o Drummond da maturidade sabe não ser possível e nem mesmo desejável.

Em seu célebre estudo sobre “A máquina do mundo”, José Guilherme Merquior estabelece as distinções entre a criação de Drummond e as dos autores com os quais estabelece um diálogo intertextual mais intenso: diferentemente do eu lírico dantesco da *Divina comédia*, o de Drummond “não aspira à ação mística” de uma solução gratuita ofertada pelo mecanismo descoberto. Por outro lado, diferenciando-se do que se celebra na epopeia de Camões, o caminhante de Drummond também rejeita as ilusões de totalidade da ciência (ou do saber), sugerida pelo que a máquina lhe

² Este poema foi escolhido como o melhor poema brasileiro de todos os tempos por um grupo significativo de escritores e críticos, a pedido do caderno “MAIS” (edição de 02-01-2000), publicado aos domingos pelo jornal “Folha de São Paulo”.

promete vir a conhecer. “Rejeita voluntário a ciência rara, inumana, hermética e sacra quando afasta o formidável oferecimento” (MERQUIOR, 1965, p. 86).

Ocorre que antes de chegar à concretização dessas rejeições amadurecidas – o que por um lado o recoloca na sina do “gauche”, e por outro o define de uma vez por todas como o pensador existencialista que será em sua velhice – o poeta viveu, na segunda fase de sua obra (representada pelos livros dos anos 1940) o furor da crença em um caminhar que conduzisse a uma solução, que necessariamente passava pela saída do círculo da subjetividade, adentrando os espaços do coletivo, cortejando uma ação efetiva – política - no grande mundo.

Em *A rosa do povo* (1945) a poesia de Drummond apresenta intensa crítica social ao momento que se estava vivendo (tempos de ditadura brasileira e segunda guerra mundial). O livro é “celebrado como ponto alto da poesia de participação social, é, ao mesmo tempo, marco da linguagem modernista” (ACHCAR, 2000, p.49). O poeta explicita uma decidida adesão (posteriormente revista) à ideologia socialista, retratando sua revolta ante as injustiças sociais. O forte tom de crítica social presente em *A rosa do povo* pode ser percebido em “A Flor e a náusea”:

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?
Olhos sujos no relógio da torre (...)
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
(ANDRADE, 2015, p. 106)

Segundo Antonio Candido:

A consciência social, e dela uma espécie de militância através da poesia, surgem para o poeta como possibilidade de resgatar a consciência do estado de emparedamento e a existência da situação de pavor. No importante poema “A flor e a náusea” - RP, a condição individual e a condição social pesam sobre a personalidade e fazem-na sentir-se responsável pelo mundo mal feito, enquanto ligada a uma classe opressora. o ideal surge como força de redenção e, sob a forma tradicional de uma flor, rompe as camadas que aprisionam. (CANDIDO, 1995, p.105).

A temática do caminhar e o envolvimento com a paisagem vista estão novamente presentes. O início do texto aponta para a perplexidade do sujeito caminhante ao perceber, na fragmentação do mundo visto, uma forte ausência de nexos, como a remeter a um tempo de caos e incerteza. Ir à cidade é sinônimo de visitar e ver o mundo em sua desconstrução. Mas, diferentemente do tom taciturno presente na caminhada dos tempos de *Alguma poesia* (e que, de certo modo, será renovado em *Claro enigma*, ainda que em outro tom), vê-se no desenvolvimento desse poema uma abertura à esperança – um intervalo de esperança, afinal -, sinalizada pela aparição da estranha flor que induz, tanto como a pedra de “No meio do caminho” e a máquina do mundo no poema homônimo, a uma necessária parada: “Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego”. Chamamos a atenção para o fato de o advento da causa da interrupção afetar o fluxo não apenas do eu lírico, mas da circunstância ao seu redor, o burburinho da cidade e suas exigências. Um imperativo mais forte impõe uma ordem nova de relações que “Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” apontando para a construção de um possível mundo novo ou ao menos uma nova forma de o eu lírico se relacionar com ele, questionando sua onipresente casmurrice.

A VIAGEM NA POESIA

É preciso reconhecer que, embora se reportem a paisagens concretas, às vezes indicadas por nomes de cidades, e nomeiem o ato material da caminhada como uma atitude do eu lírico, os poemas de Carlos Drummond de Andrade associam o caminho e o caminhar a uma gama ampla de realidades e vivências. O andarilho de seus textos, mais que tudo, vivencia a dubiedade de uma busca (como se realizasse um destino inexorável, luta que poderia ser entendida em muitos sentidos como “vã”) em que o que encontra não “rima” com o que é procurado, resultando da andança, como exemplificam os textos aqui analisados, a aparição do surpreendente, do provocativo, do que pede a contemplação, ainda que não se possa (ou não se deva) apreender plenamente a coisa contemplada. Como não perceber ecos dessa reflexão na mais conhecida inserção metalingüística de Drummond, o poema “Procura da poesia”, de *A rosa do povo*?

(...) Penetra surdamente no reino das palavras
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
Há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.

Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada
no espaço.(...) (ANDRADE, 2015, p. 105)

O fazer poético retrata de certo modo o seu caminhar, uma vez que repercute suas indagações e perfaz um trajeto de busca de sentido penetrando “surdamente no reino das palavras” como quem vai à busca de uma construção, ainda que sem a garantia de que ela ocorrerá em todas as suas consequências. De todo modo, a poesia é um caminho também árduo e povoado de “pedras”.

Há no todo da obra de Drummond variadas metáforas que erigem um ser em constante conflito com o mundo, o “eu todo retorcido”. Dentre essas metáforas, as do caminhar e do caminho que o poeta caminha apontam, de modo crítico, para um desenho do sujeito moderno e sua própria compreensão do mundo (social, histórico, existencial e poético) em que caminha. Desenha-se desde o início de sua andança pelo mundo da poesia um ser gauche, que mesmo tendo em si o impulso de desistir, mantém-se duro face ao “sentimento de mundo”, como o personagem José do poema homônimo, publicado em 1942: “Você marcha, José/ José, para onde?” (ANDRADE, 2015, p. 95). Essa pergunta perplexa talvez tenha como resposta a própria poesia, se entendermos que é por ela que os textos do autor se deslocam ou é à sua busca que, no limite, sempre está a reflexão do que o poeta cria.

REFERÊNCIAS:

- ACHCAR, F. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ANDRADE, C. D. de. *Nova reunião – 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BENJAMIN, W. KOTHE, F. (org.) *Obras escolhidas - 3 volumes*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond, in *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1995.
- DIAS, M. S. A Máquina melancólica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 02 jan. 2000. Mais, p.2.
- MERQUIOR, J. G. A máquina do mundo de Drummond. In: *A razão do poema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1965
- PETRARCA, Diego. *A Escrita da cidade na poesia moderna*. 2008. 123 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

PAGOTO, C. *As Cidades no meio do caminho de Carlos Drummond de Andrade: da vida besta ao mundo grande*. 2008. 202 p. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Programa de Pós-Graduação em Letras. Maringá, 2008.